

FMI nega garantias para redução

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, anunciou formalmente o apoio da instituição ao Plano Brady de redução de dívida externa dos países do Terceiro Mundo, mas negou a concessão de qualquer tipo de garantia do FMI para operações financeiras de redução de dívida. Num discurso para os participantes da assembléia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Camdessus disse que o Fundo poderá vir a financiar indiretamente a recompra, pelos países devedores, de títulos de sua dívida, aproveitando os descontos do mercado secundário.

O vice-ministro de Finanças do Japão, Toyoo Gyothem, também manifestou o apoio formal de seu governo ao Plano Brady e reiterou o propósito de seu país de colocar à disposição do Terceiro Mundo US\$ 30 bilhões, a título de reciclagem de seus excedentes. Gyothem disse que a redução da dívida depende de esquemas como o de conversão e reclamou dos países devedores maiores facilidades para o capital estrangeiro, pois só assim o investimento aumentará de novo nessas economias, ajudando a reduzir os desequilíbrios causados pela transferência de divisas aos credores.

Fatores — Camdessus disse que o sucesso do Plano Brady depende de quatro fatores. Primeiro, adicionalidade, ou seja, que haja mais recursos para que os países devedores façam operações de redução da dívida. Segundo, qualidade dos programas de reformas econômicas nos países devedores: precisam

ser fortes mudanças, sem gradualismos, adotadas pelos próprios governos, “sem buscar bodes expiatórios no exterior”. Terceiro, voluntarismo: uma real disposição dos bancos credores de promover a redução da dívida e a promoção de mudanças legais que facilitem essas operações. Finalmente, solidariedade internacional: o desmantelamento das barreiras protecionistas que prejudicam o comércio internacional e medidas fiscais nos países ricos que combatam a inflação sem aumentar demais as taxas de juros.

Em seguida, Camdessus disse que o FMI já vinha se preparando há muito tempo para a atual fase de políticas de redução da dívida externa do Terceiro Mundo. Um dos preparativos mais importantes que mencionou foram os estudos para que o fundo passe a atuar como “instituição depositária de financiamento paralelo”, que já foi prometido pelo Japão. Trata-se de um dinheiro extra, fora do capital do FMI, que será concedido aos países que acertarem acordos com o fundo e ajudará nas operações de redução da dívida. Ele exortou “outros países com abundantes superávits” (ou seja, os europeus) a seguirem o exemplo do Japão.

O diretor disse que o FMI vai decidir no início do próximo mês, durante a reunião de seu comitê interino, em Washington, até que ponto a instituição poderá ajudar mais diretamente na recompra com desconto de títulos das dívidas dos países do Terceiro Mundo. (R.C.A.)